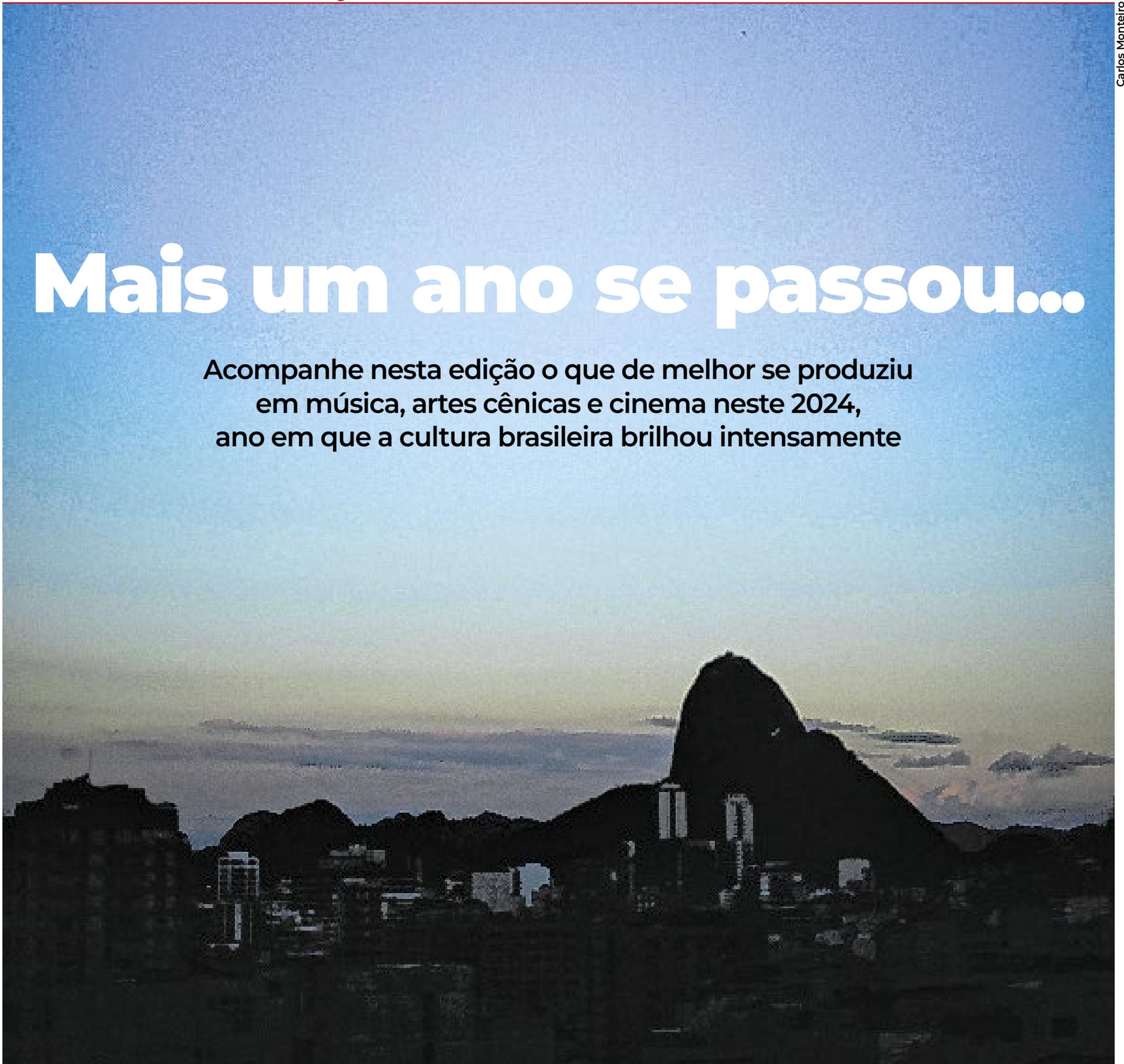


2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

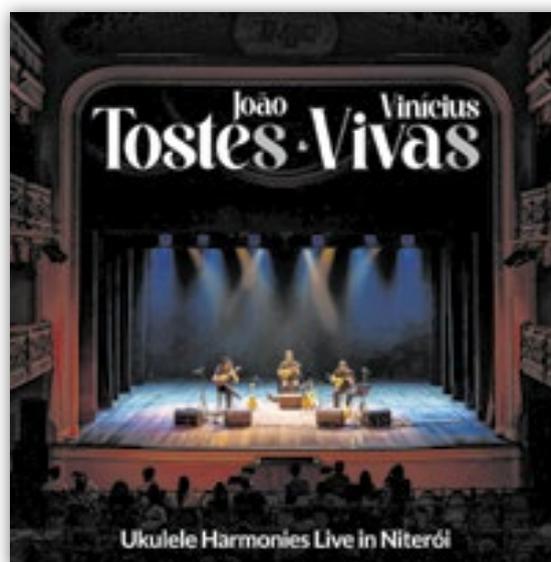
Mais um ano se passou...

Acompanhe nesta edição o que de melhor se produziu
em música, artes cênicas e cinema neste 2024,
ano em que a cultura brasileira brilhou intensamente



UKELELE HARMONIES LIVE IN NITERÓI

O instrumento de cordas originário do Havaí (EUA) ganha ares de maestria neste excelente registro fonográfico da apresentação ao vivo dos virtuosos João Tostes e Vinícius Vivas que mostra a versatilidade do ukelele



FRACTAL FEMININO VOL 1 Tempos atrás, lembro bem, revelei o que voltarei a dizer agora. Refiro-me à satisfação de perceber que o primeiro disco de uma novata ou de um novato me comoveu, me deixou feliz por tê-la ou tê-lo ouvido.

RETROSPECTIVA / DISCOS

12 álbuns para se ter por perto pelos anos



JULIETA NO CONVÉS O álbum de Anna Paes e Guinga com produção artística de Paulo Aragão, participações de Zé Miguel Wisnik, Nailor Proveta e Cristovão Bastos, traz 13 composições do compositor com oito parceiros e conta com seu violão e seus arranjos.



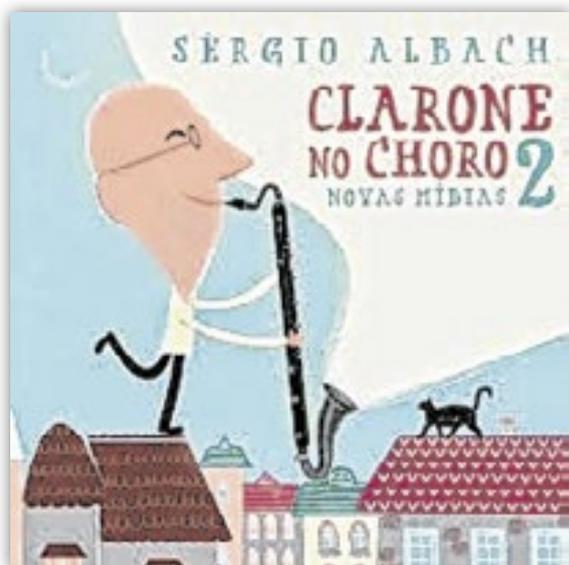
CARLOS MALTA A decisão do flautista e saxofonista Carlos Malta de homenagear Elis Regina (1945-1982) teve início em 2000 com o lançamento do álbum Pimenta. Como Elis merece não apenas um, mas múltiplos tributos, cá está Malta, novamente entregando sua genialidade.



NÓS O novo álbum autoral do grupo vocal comemora os seus 15 anos de carreira com ótimas músicas compostas pelo sexteto, seja individualmente, em duplas, em trios ou com outros parceiros, os arranjos e a produção musical são de Augusto Ordine, criador do grupo.



FANTASIA BRASIL Um prazerão apresentar a vocês os “meninos” do Duo Rafael Beck e Felipe Montanaro, que lançaram o álbum Fantasia Brasil (Biscoito Fino). As sete faixas do trabalho têm arranjos desses músicos paulistas.



CLARONE DO CHORO 2 Eu que curto a profundidade encorpada do som de um clarone, que agasalha corpos e almas, deparei-me com um álbum que me tocou. Um trabalho pioneiro na música instrumental. O número um é de 2018.



URUCUNGO O vozeirão de Fabiana Cozza coloca-se a serviço da obra do cantor e compositor Nei Lopes a ponto de parecer que ela tenha nascido para um dia cantar Nei Lopes. Pois em sua voz as músicas revelam-se como as verdadeiras obras-primas que são.

Fotos/Divulgação

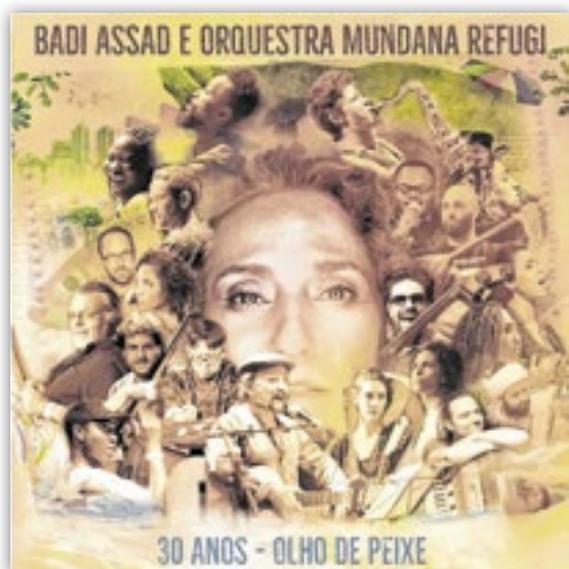


MÃE TODO ARTISTA TEM Com bom humor e muita musicalidade, o cantor e compositor paulistano Carlos Careqa apresenta 14 músicas em que explora e revela o seu sentimento sobre esse ser tão incensado pela humanidade, que vem a ser a figura da mãe!

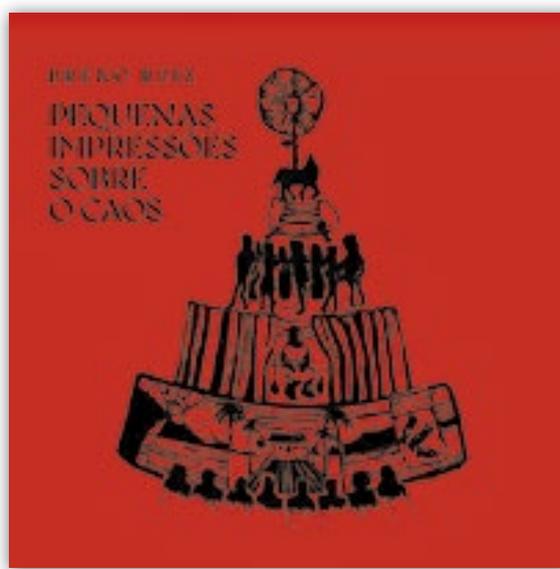
Por **Aquiles Rique Reis*** Foram 52 semanas, 52 resenhas de álbuns recém-lançados escritas por mim neste 2024. Sugiro que mantenham sempre à mão as 12 sugestões abaixo. Obrigado a todas e todos que me acompanharam no Correio da Manhã. Boas festas!

*Vocalista do MPB4 e escritor

seguintes



30 ANOS DE OLHO DE PEIXE Num proveitoso exercício musical, a cantora e compositora Badi Assad e a Orquestra Mundana Refugi relê as oito faixas do seminal álbum de Lenine e Marcos Suzano lançado há 30 anos



PEQUENAS IMPRESSÕES SOBRE O CAOS O novo álbum de Breno Ruiz é um auto teatral, dramático e lírico, em louvor à São Paulo. As canções criadas pela genialidade deste compositor, pianista e cantor paulistano são o sinal de que algo ainda mais novo está no ar.



SE EU TE ETERNIZAR Com sua voz especialíssima, Olívia Hime canta 12 canções do companheiro Francis Hime. São composições em parceria tanto com ela própria quanto com Zélia Duncan, Thiago Amud, Chico Buarque, Paulo César Pinheiro, Cacaso e Geraldinho Carneiro.

O Brasil emerge nos palcos

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

2024 foi um ano de absoluta brasilidade nos palcos brasileiros. Elencamos, a seguir, os maiores destaques encenados no Rio.

O FENÔMENO DA DÉCADA - Quando Othon Bastos entrega 600 páginas de sua história, em uma saca de supermercado, ao autor, diretor, produtor Flavio Marinho é o pontapé inicial para *Eu não me entrego, não!* surgir como um fenômeno raro. A trajetória de Othon se transforma em uma verdadeira odisseia do que é ser ator, brasileiro, nordestino que o público absorve com a certeza de que a vida é bonita.

O PRINCIPAL COADJUVANTE - Em uma peça com protagonista evidente, Zulmira, Thelmo Fernandes compõe o Tuninho, um papel coadjuvante, de forma primorosa, o marido meio perdido, fixado em futebol. Da difícil dramaturgia de “A Falecida”, de Nelson Rodrigues, Thelmo brilha.

AS LADIES TEMPESTADES - A explosão de Andréa Beltrão revivendo a saga da advogada Mércia, cujo apelido era Lady Tempestade, foi sucedida por peças que falaram dessas lutas das mulheres brasileiras. Pela arte, pela maternidade, contra a violência, contra o machismo, contra a exclusão.

A PLATÉIA É A VISITA - Ao se

RETROSPECTIVA / TEATRO

Beti Niemeyer/Divulgação



Eu Não Me Entrego Não!

entrar no apartamento de Natasha Corbelino, a premiada diretora, autora, atriz, para assistir “Uma Peça Cansada”, o que se vê é uma criativa experiência. O monólogo, do qual Natasha faz 10 sessões em um domingo, é um acerto de fio a pavio.

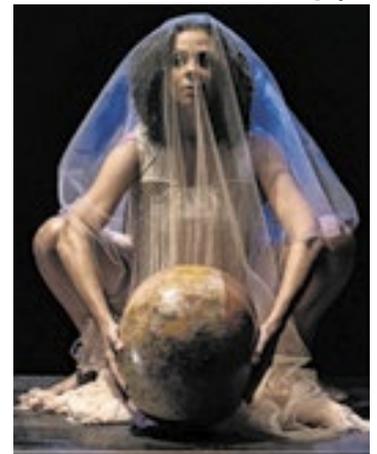
O HERDEIRO SEM VINGANÇA - Hamleto é o clássico de Antonio Abujamra que André Abujamra preserva a obra de seu pai, com novos recursos para o teatro. As interferências atuais de projeção e linguagem do Tik Tok,

Divulgação



Cansada

Elisa Mendes/Divulgação



Em Nome da Mãe

Inteligência Artificial e músicas originais mais do que atualizam a obra original.

EU DIGO NÃO AO NÃO - A peça Língua centra a questão da falta de comunicação em uma trama

Renata Barros/Divulgação



Hamleto

Renato Mangolin/Divulgação



Língua



Divulgação

Lady Tempestade

Divulgação



Valéria Martins/Divulgação

O Tradicional e o Moderno na Dança do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira

Divulgação



Último Ensaio



Prima Facie

que se passa no aniversário de um jovem surdo. A partir dessa linha, o que vemos são ótimas atuações, a importância dos afetos que consegue superar todos os obstáculos, com a atuação de Ricardo Boaretto, um ator de primeira.

A UNIÃO É A FORÇA – Sob a direção de Inez Vianna, a Cia Omondé tem como foco encenar textos de autores brasileiros e dialogar com os temas que mexem com nossos corações e mentes em “Último Ensaio”.

BRASIL, ESQUENTAI VOS-SOSPANDEIROS - Foram 4 musicais sobre grandes nomes da MPB, estilos diversos assim como os espetáculos Tom Jobim, Paralamas, Ismael Silva e Raul Seixas. Este último, com atuação ímpar de Bruce Gomlevsky,

supera totalmente a montanha russa de emoções do personagem.

DOSE DUPLA DE UMA GRANDE ATRIZ - Débora Fabelella encarna em dois textos completamente diferentes: a mulher

vítima do abuso e do estupro em “Prima Facie” e a atuação potente em “Neste mundo Louco”.

TODAS AS ARTES EM UM PALCO SÓ – Suzana Nascimento entrega momentos únicos em “Em Nome da Mãe”. O cenário é uma instalação, a trilha sonora, o figurino, herdam de cada uma das artes os seus melhores elementos.

CONTAGIANDO A MARQUÊS DE SAPUCAÍ - Idealizada por Luiz Antonio Pilar, com texto de Leonardo Bruno, “O Tradicional e o Moderno na Dança do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira”, com o casal de mestre-sala e porta-bandeira Rute Alves e Julinho Nascimento, nos faz mergulhar em todos os sentimentos.



Divulgação

A Falecida

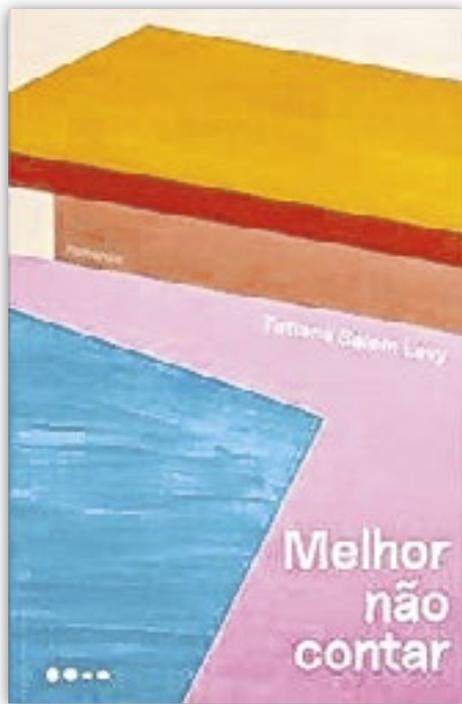


Dalton Valério/Divulgação

Raul Seixas, O Musical

RETROSPECTIVA / LIVROS

Algumas boas leituras do ano

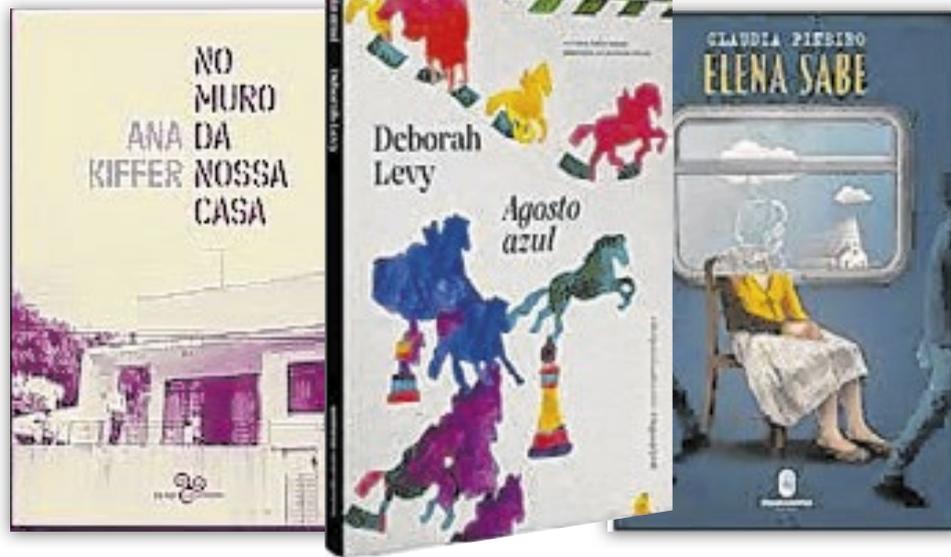


Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Fora das listas de livros mais vendidos - ou mais divulgados -, 2024 foi um ano de bons lançamentos literários, ainda que o brasileiro esteja lendo cada vez menos, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Revelações pessoais misturadas a toques ficcionais continuam em voga, o interesse por “true crime” se solidifica, os temas identitários e anticolonialistas se espalham cada vez mais. No entanto, relacionar o que de melhor foi lido ao longo de um ano inteiro é tarefa pessoal de cada leitor. Como esta lista que se segue aqui.

Há 13 anos a jornalista Regina Zappa lançou um livro-almanaque reunindo fotografias, manuscritos, correspondência, reportagens e outros documentos para contar a trajetória de Chico Buarque a partir do sucesso de “A Banda”, em 1966. Com o personagem completando oito décadas de vida, Regina atualizou as informações da obra do artista-maior do Brasil, que se notabilizou pela música, antes de erigir uma carreira literária respeitável, sempre buscando alertar para a desigualdade social brasileira. Recomendável apenas é ler “Para seguir minha jornada” (Nova Fronteira, R\$ 189) com o livro apoiado em mesa, já que são mais de 500 páginas de registros no volume que ganhou uma belíssima edição.

No finzinho de 2023, com um atraso de 50 anos, chegou ao país a arrebatadora “Trilogia de Copenhaga” (Companhia das Letras, R\$ 71,91), da dinamarquesa Tove Ditlevsen

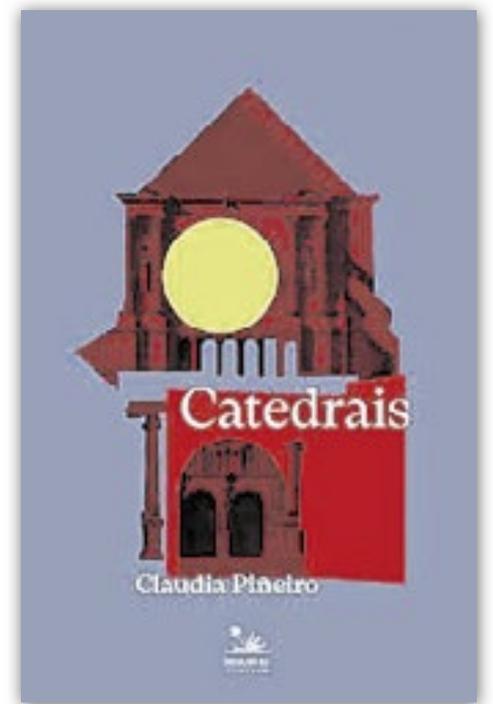


(1917-1976). Publicados entre 1960 e 1970, os três volumes descrevem as transformações da escritora, desde a infância na família da classe trabalhadora, quando a política de bem-estar social engatinhava na Dinamarca. Sua ascensão social decorre da insistência em fazer literatura, garantindo a sobrevivência em subempregos. A agressividade estruturava a dinâmica da família e de uma época de raras demonstrações de carinho entre parentes, amigos e até namorados.

O deslocamento e o não pertencimento dos personagens vai levá-los a esclarecer todos os entraves que emperraram, até então, a existência são características de boa parte da obra da sul-africana Deborah Levy. Em seus

romances, é quase certo que alguém estará de férias ou passando um período distante de casa. “Agosto azul” (Autêntica Contemporânea, R\$ 55) não foge à regra, com a protagonista, uma pianista celebrada, percorrendo diversos cenários na Europa para descrever seu estranhamento por desconhecer suas origens.

Com carreira sólida e reconhecida na Europa, só agora a espanhola Sara Mesa chega ao Brasil. Em entrevistas, ela diz creditar que apesar das mudanças na sociedade, principalmente em termos profissionais, ainda se vive sob a ilusão do mito do amor romântico e quem não mantém um casamento monógamo é fracassado, dilema experimentado pela



tradutora Nat, protagonista de “Um amor” (Autêntica Contemporânea, R\$ 46,90). Claramente um ser urbano, Nat aluga uma casa muito simples em um lugarejo do interior, depois de cometer um delito. Mesmo sem punição, decide trocar a carreira por um ofício solitário, a ser exercido em qualquer lugar e é gradualmente acossada pela realidade árida que a cerca.

Anunciado pelo autor como sua despedida da literatura, de “Dedico a você meu silêncio” (Alfaguara, R\$ 79,90), do peruano Mario Vargas Llosa, Prêmio Nobel de Literatura de 2010, mistura doses de erudição e invenções deliciosas na trama hipnótica. O protagonista, um especialista em música criolla, pretende obter o reconhecimento público escrevendo a biografia de um talentoso guitarrista morto precocemente. A pesquisa o leva a percorrer o país, nos conturbados anos 1990, época das ações do grupo Sendero Luminoso. Enquanto Toño se desloca, o leitor é apresentado ao universo da música peruana, com valsas, mariñeras, polcas e huyanitos, que não apenas animavam festas, mas quebraram barreiras raciais e sociais em torno da fruição artística.

Classificado como ‘romance’ na capa, “Melhor não contar” (Todavia, R\$ 62,90), de Tatiana Salem Levy, trata de luto, saudade e o assédio sexual que sofreu por parte do padrasto, cujo nome só menciona ao lado de outros cineastas consagrados no Brasil. A mãe, Helena, jornalista bem-sucedida, vinha da geração que enfrentou a ditadura militar e viveu “o desbunde”, incentivando a vivência libertária das filhas. Esse belíssimo desnudamento de alma com toques psicanalíticos discute a violência sexual e suas consequências através da busca por relações maduras.

“Em agosto nos vemos” (Record, R\$ 59,90), a novela publicada dez anos após a morte de Gabriel García Márquez, traz a sensação de que algo ficou faltando na história. O livro fecharia a trilogia sobre o amor, que inclui os romances “Do amor e outros demônios” e “Memória de minhas putas tristes”, mas o escritor desistiu de publicá-lo. Mesmo assim, a família decidiu lançar a história de Ana, uma mulher casada que todos os anos vai a uma ilha visitar o túmulo da mãe, e passa, na meia-idade, a ter envolvimento sexual com desconhecidos. Inacabado ou deixado de lado, “Em agosto nos vemos” é uma oportunidade para voltar a Gabo, um grande contador de histórias, que melhor soube explorar o misticismo latino-americano com um olhar jornalístico e cinematográfico, faz da leitura bem mais do que divertimento.

A consagração do prestígio internacional da argentina Claudia Piñeiro, em 2022, quando a tradução para o inglês de um de seus romances, “Elena sabe” (Morro Branco, R\$ 54,90) foi indicada para o Booker Prize, levou ao lançamento tardio desse título e de “Catedrais” (Primavera Editorial, R\$ 59,90) no Brasil. “Elena”, uma novela de construção sólida e lenta, mostra uma mãe idosa, incomformada com o laudo de suicídio da filha, com quem manteve uma relação de animosidade constante e companheirismo ao longo de anos. Em “Catedrais”, investigações policiais concluem que uma jovem foi estuprada antes de ter o corpo desmembrado numa madrugada. Trinta anos mais tarde, a realidade surge através das lembranças da família, tão dilacerada quanto a moça. Com cinco narradores, a trama vai ao passado buscar respostas para conflitos que perduram no presente. Lançados com um intervalo de catorze anos, os dois livros discutem a condição feminina em um país de tradição católica, mostrando as contradições da fé e da realidade e o quanto a religiosidade fanática está mais relacionada ao controle social do que à libertação espiritual, temas recorrentes de Claudia Piñeiro, hoje a terceira autora mais traduzida da Argentina, ficando atrás de Jorge Luiz Borges e Julio Cortazar.

Correspondente de guerra e especialista em direitos humanos, a jornalista italiana Francesca Borri foi às Ilhas Maldivas, em 2016, para entender por que o país era o maior fornecedor de voluntários estrangeiros para grupos de guerrilheiros islâmicos. “Que paraíso é esse? Entre os jihadistas das Maldivas” (Ayiné, R\$ 30) descreve um país dividido: algumas ilhas do arquipélago abrigam resorts luxuosos onde a população local pode trabalhar, mas nunca frequentar. O turismo é a maior fonte de renda nas Maldivas, porém



as condições de trabalho não conferem boa qualidade de vida aos empregados, que passam meses fora de casa, sem folga. Na capital Malé moram 120 mil dos 350 mil habitantes do país, sujeitos às regras extremamente restritivas de um Estado teocrático, enquanto os turistas têm direito a manter seus hábitos de consumo de álcool ou uso de roupas de banho exíguas, proibidos às mulheres muçulmanas. A ambição de boa parte dos homens jovens é migrar para a Síria e entrar nas forças de combate. “Nas Maldivas todo mundo tem

um irmão, um primo, um amigo na Síria”, diz Francesca, que conversou com chefes de gangues, estrangeiros donos das pousadas que recebem (poucos) mochileiros, traficantes e empregados de resorts, com um olhar receptivo às diferenças culturais.

Passados treze anos desde a publicação de “A amiga genial”, a chamada Febre Ferrante não se esgotou. Uma preciosidade para os admiradores da autora é “Para além das margens – A Itália de Elena Ferrante” (Bazar do Tempo, R\$ 84,90), de Isabela Discaccia-

ti, jornalista mineira especialista em Cultura Italiana, que percorre os cenários dos quatro livros – Nápoles, Pisa, Florença, Ischia –, discorrendo sobre personagens, lugares e enredos criados por Ferrante. A Tetralogia cobre um período de quase 60 anos na vida das duas amigas, e Isabela busca esses traços na Itália atual. O bairro napolitano onde foi filmada a série recebeu imensos pôsteres reproduzindo imagens das atrizes e de cenas da adaptação televisiva. O sucesso dos livros e, principalmente, da minissérie tornaram a região periférica uma atração turística. Esse poder transformador da literatura é a base da história de Lenu e Lila, as amigas que trilham caminhos diferentes para sair da pobreza.

Todas as pessoas boas daqui (Faro Editorial, R\$ 55,90), da norte-americana Ashley Flowers, segue a fórmula consagrada de emaranhar ações do presente com o passado para desvendar um crime, no caso, o desaparecimento de uma criança, muito semelhante ao que aconteceu com uma menina, vinte anos antes. Uma jornalista desempregada começa a investigar os dois casos até um desfecho surpreendente para um romance de estreia.

Autor de sete thrillers de excelentes vendas nos Estados Unidos, Riley Sager cria uma ambientação que remonta a cenários criados pelas inglesas Daphne du Maurier e Agatha Christie em O massacre da família Hope (Intrínseca, R\$ 69,90), um vira-página hipnotizante. Lenora Hope é a única sobrevivente de uma chacina que matou toda sua família, em 1929. Passados quase sessenta anos, uma jovem é contratada para cuidar da idosa, inválida e muda Lenora, que ainda vive na mansão onde ocorreram os crimes, com alguns empregados. A casa, construída em cima de um penhasco, está com as estruturas abaladas, e dependendo do vento, oscila, ameaçando desabar no mar. Enquanto sobrevive às ameaças de destruição da casa, a jovem cuidadora quer descobrir quem cometeu realmente os assassinatos da família Hope.

A escritora Ana Kiffer também se volta para a tensão enfrentada por sua mãe, Cléa, presa, em 1968, por militares que procuravam seu marido, o deputado João Kiffer Neto. O tocante “No muro de nossa casa” (Bazar do Tempo, R\$ 47,20) acompanha a detenção de Cléa, mãe de duas crianças, grávida (de Ana). O muro da casa da família, em Niterói, amanhece pichado com inscrições de que ali morava um comunista – como eram identificados quase todos os adversários ao regime antidemocrático, então. A pichação anônima não apenas expõe a militância de Kiffer Netto – que, cassado, voltou a trabalhar como psiquiatra –, mas a intimidade da família para toda a vizinhança.

SHOW**BARÃO VERNELHO**

*A banda apresenta show da nova turnê "Do Tamanho da Vida", título da música inédita de Cazuzu e dos atuais integrantes do Barão. O repertório é matador e empilha sucessos como "Bete Balanço", "Exagerado", "Maior Abandonado", "O Tempo Não Para" e "Pro Dia Nascer Feliz". Sex (27), a partir das 20h (abertura dos portões). Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa). A partir de R\$ 70 (meia)

BOSSACUCANOVA

*Sem perder o contato com a tradição, mas com mentes e ouvidos conectados à modernidade, os produtores Márcio Menescal (baixo) e Marcelinho Dalua (DJ) dão novas cores ao som tradicional e inesquecível da bossa nova e da MPB, adicionando batidas eletrônicas e arranjos contemporâneos a clássicos marcantes da nossa música. Participação especial de Cris Delanno (voz). Dom (29), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

GILSON PERANZZETTA E MARCEL POWELL

*Neste encontro de gerações a exuberância do piano do Maestro Peranzetta e o arrebatamento e impetuosidade do violão de Marcel Powell celebram o repertório de Sebastião Tapajós (1943-2021). Sex (27), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

MACACO BRANCO

*O mestre de bateria apresenta mais uma versão de seu projeto Roda de Enredo em clima de pré-réveillon. Quem ama carnaval e samba-enredo vai se divertir. E, como nas rodas anteriores, haverá convidados especiais para recordar sambas-enredo emblemáticos. Sex (27), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 39 e R\$ 100

JAY VAQUER

*O cantor e compositor faz seu clássico show de fim de ano com a banda formada por Caio Barreto (guitarra), Alana Alberg (contrabaixo), Anderson "Nem" Junior (teclados) e Kelder Paiva (bateria). Sáb (28), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 39 e R\$ 100

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Barão Vermelho

Bia Mandarino/Divulgação



Macaco Branco, músico e idelizador do projeto

Divulgação



Gilson Peranzetta e Marcel Powell

Divulgação



Jay Vaquer



Fullgás - Artes Visuais e Anos 80 no Brasil

EXPOSIÇÃO

GEOMETRIA INQUIETA

*Retrospectiva mapeia o percurso trilhado pelo escultor Ascânio MMM. Até 30/3, de ter a dom (12h às 18h). Casa Roberto Marinho (Rua Cosme Velho, 1105). R\$ 10, R\$ 5 (meia) e grátis (quartas-feiras)

FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL

*Coletiva que reúne mais de 300 obras e instalações de 200 artistas plásticos e visuais de várias regiões do país que oferecem ao visitante um panorama diversificado do que era o Brasil na conturbada década de 1980. Até 27/1, qua a seg (9h às 20h). CCBB-RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

*O artista plástico campista Edmilson Nunes apresenta nesta individual alguns trabalhos de sua produção mais recente. Em cartaz na Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500). Até 31/1, de seg a sex (12h às 17h). Grátis

ROTA DO CHÁ - BOTÂNICA, CULTURA E TRADIÇÃO

*Exposição conta a fantástica e rica história do chá desde suas origens ancestrais na China até sua disseminação global, com destaque para os rituais, as artes e a evolução social, associados à sua produção e consumo. Até ago/25, qui a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

ASSIM É SE LHE PARECE

*Adepto da fotografia analógica e em preto e branco, o mestre Antonio Augusto Fontes apresenta nesta individual 60 trabalhos de sua vasta produção. Até 28/2, seg a sex (11h às 19h). Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432). Grátis

GIRO ABISSAL

*Coletiva reúne trabalhos de 27 artistas, mostrando em suas visualidades dois termos decoloniais importantes: giro decolonial e linha abissal. Em cartaz até 15/1, de seg a sex (10h às 17h). Sala Antonio Berni - Consulado da República Argentina no Rio de Janeiro (Praia de Botafogo, 228/sobreloja - Botafogo). Grátis

SISSON, 200 ANOS

*Mostra reúne 170 obras do ilustrador francês Sébastien Sisson (1824-1898), pioneir das HQs no Brasil. Até 22/1, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, 219). Grátis

INFANTIL

MOSTRA DE CIRCO

*Alunos do Espaço Tápias, de 8 a 17 anos, exibem um show de variedades, em uma apresentação que reúne diferentes linguagens com as atividades de circo apoiadas pela dança e teatro. Rua Armando Lombardi, 175 - Barra da Tijuca. Dom (14), às 17h. R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

IDENTIDADE DAS CORES

*Você já pintou seu próprio retrato? Quais as cores que misturadas chegariam próximo ao seu tom de pele? O público É convidado a refletir acerca da sua identidade racial e autorrepresentação como forma de reafirmar seu lugar no mundo. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). Ateliê Aberto - CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66)

QUADRO A QUADRO

*A partir de elementos visuais inspirados em quadrinhos e nas obras da exposição "Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil", o visitante é convidado a montar uma grande página de história em quadrinho de maneira coletiva. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). Ateliê Aberto - CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66)



O Auto da Compadecida 2



Ainda Estou Aqui

AINDA ESTOU AQUI, de Walter Salles: Estima-se que a adaptação do romance homônimo do escritor Marcelo Rubens Paiva feche o ano com 3 milhões de ingressos vendidos (tá perto dessa cifra), carregando uma aura de blockbuster à cerimônia do Globo de Ouro, no dia 5, em Beverly Hills, onde concorrerá às estatuetas de Melhor Filme de Língua Não Inglesa e Melhor Atriz, graças à atuação divinal de Fernanda Torres. Desde setembro, no Festival de Veneza, de onde o longa saiu com o prêmio de Melhor Roteiro, ela arrebatou plateias como a advogada e ativista Eunice Paiva (1932-2018). Durante a ditadura, no início dos anos 1970, Eunice teve o marido, o engenheiro Rubens Paiva (papel de um coruscante Selton Mello), levado para

depor, mas ele nunca regressou. Dali para diante, ela se empenha em dissipar névoas da tortura e das práticas de sumiço de ditos “subversivos”, numa trajetória heroica. A montagem espartana de Affonso Gonçalves narra essa luta em saltos no tempo, com direito a uma entrada de Fernanda Montenegro (como Eunice em fase madura) numa sequência de doer na alma. Entre o êxito lá do primeiro trimestre e a chegada de “Ainda Estou Aqui”, fizemos bonito nas telas estrangeiras, com prêmio de Melhor Direção na mostra Encontros da Berlinale para a paulista Juliana Rojas e seu “Cidade; Campo”. Aqui dentro, o rol de autorias a desfilar em salas foi amplo. Confira a seguir o que mais se viu de imperdível de janeiro para cá:

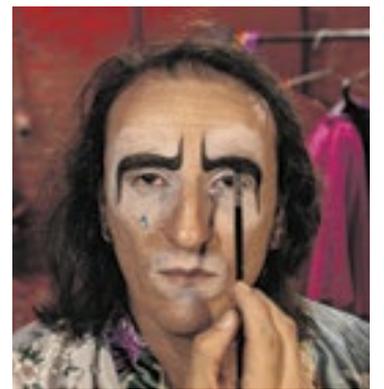
RETROSPECTIVA / CINEMA NACIONAL

Ânimo nas cifras e na invenção

Aberto por um bonde de ‘blockbusters’, o 2024 do audiovisual brasileiro colecionou ensaios estéticos autorais e fecha a lojinha de novo com salas lotadas

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Choveu ingresso vendido na conta do Brasil no abre-alas de 2024, ali entre janeiro e março, no avançar de multidões que prestigiaram “Minha Irmã e Eu”, “Nosso Lar 2- Os Mensageiros”, “Mamonas Assassinas” e “Os Faraóes 2”. Depois desse bonde, as receitas encolheram, até um novo sopro aparecer, no fim do segundo semestre com especulações de Oscar em volta daquele que pode, de longe (e de perto), ser qualificado com “O” filme brasileiro do ano:



A Filha do Palhaço



A Paixão Segundo GH

Nosso ranking
A PAIXÃO SEGUNDO GH, de Luiz Fernando Carvalho: Num “bloco do eu sozinho”, radical, mas afetivo, Maria Fernanda Cândido brinda o cinema com seu talento e carisma numa

atuação solo em que reage, com uma suavidade de gestos, ao texto de Clarice Lispector (1920-1977), publicado em 1964. A trama esbanja existencialismo: depois de despedir a empregada, G.H. inicia uma faxina no quar-

to de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca da barata morta, ela embarca num processo de desmontagem de sua condição humana.

FERNANDA YOUNG, FOGEME AO CONTROLE, de Susanna Lira: Ganhador do Prêmio da Crítica no Festival de Paraty, este ensaio documental passou pelo É Tudo Verdade com um turbilhão de colagens, seja de desenhos, fotos, trechos de performances, entrevistas e seriados de TV. Essa mistura traduz o espírito cri-cri da romancista, poeta e apresentadora morta em 2019, aos 49 anos, em decorrência de uma crise de asma. FY dizia que “reclamação é uma forma de otimismo”. Com engenho, Susanna fala uma autora que fazia do verbo “irritar” seu aríete.

MOTEL DESTINO, de Karim Aïnouz: Único concorrente latino à Palma de Ouro de Cannes, o thriller erótico do diretor de “Madame Satã” (2002) devolveu ao país a coragem de filmar o sexo com gozo, sem o cinto de castidade da correção política e sem a camisinha da sociologia, comprovando o quanto Fábio Assunção é um ator de talento GG. Ele esbanja vigor ao interpretar Elias, o dono da hospedaria Destino, cuja gerente (e amante), vivida pela inspirada Nataly Rocha, vai ter um caso com um assassino fugitivo (Iago Xavier).

O AUTO DA COMPADECI-DA 2, de Flávia Lacerda e Guel Arraes: João Grilo e Chicó voltaram, 25 anos depois do fenômeno pop da TV, depois transformado em filme, para explorar a mitologia (de perfume marxista) de Taperoá, terra imaginada pelo dramaturgo Ariano Suassuna (1927-2014) como um microcosmo do Brasil. A fotografia de Gustavo Hadba, que hoje vive uma fase de apogeu criativo em seu trânsito pela luz, redefine as convenções audiovisuais do Nordeste. Agora, a pacata rotina de Chicó (um Selton Mello à moda Oscarito) é sacudida pelo retorno do muito sumido João Grilo (Matheus Nachtergaele, num assombro de atuação). O herói pícaro retorna em meio a uma campanha política envolvendo um coronel (Humberto Martins) e um radialista



Motel Destino



Stella do Patrocínio e a Gênese da Poesia



Mallandro - O Errado que deu Certo



Fernanda Young - Foge-me ao Controle

(Eduardo Sterblitch), que reflete a polarização do país.

STELLA DO PATROCÍNIO E A GÊNESE DA POESIA, de Milena Manfredini: Numa mistura de videoarte, .doc e ficção,



O Dia Em Que Te Conheci



Malu

a diretora relembra os feitos da poeta que foi detida em instituição psiquiátrica (Colônia Juliano Moreira) sob a alegação de esquizofrenia e lá desenvolveu o “fatório” como arte.

A FILHA DO PALHAÇO, de Pedro Diógenes: Um exercício felliniano do cinema cearense menos preocupado com o lirismo e mais atento aos quebra-molas nas estradas (da vida) por onde os circos passam - que sejam os circos de um artista só. No enredo, Joana (Lis Sutter), adolescente de 14 anos, vai passar uma semana com o pai, Renato (Demick Lopes, brilhante em cena). Ele é um humorista que apresenta shows em churrascarias, bares e casas noturnas de Fortaleza, interpretando Silvanelly, mistura de cantora e clown, com Almo-

dóvar nas veias. Apesar de mal se conhecerem, pai e filha terão que conviver, o que transforma a vida dos dois.

MALLANDRO, O ERRADO QUE DEU CERTO, de Marco Antonio de Carvalho: Ser capaz de fazer Glu-Glu e Yeah-Yeah com Sérgio Mallandro não é faro-fafá, não, mas esta produção de Gláucia Camargos - a melhor comédia do ano, disparada - conseguiu, graças ao bom roteiro de Sylvio Gonçalves, Ulisses Mattos e Pedro Antonio, com participação de seu protagonista. O príncipe de “Lua de Cristal” (1990) desfila sua picardia numa hilária desconstrução de sua persona, em que perde a habilidade de dizer bordões e precisa se reinventar, com Xuxa de fada madrinha.

Fotos/Divulgação

MALU, de Pedro Freire: O ganhador do troféu Redentor de Melhor Filme do Festival do Rio (em empate com “Baby”) tem sido um ímã de lágrimas (e de aplausos) desde sua estreia mundial, em Sundance. No afiado roteiro, Malu (Yara de Novaes), uma atriz de passado glorioso, vive presa num caos sentimental. A relação nada leve com sua mãe conservadora, Dona Lili (Juliana Carneiro da Cunha), e sua filha adulta, Joana (Carol Duarte), torna sua crise ainda mais aguda. Um amigo, Tibira (Átila Bee), que mora com ela, tenta se equilibrar em meio ao caos que se instaura naquela casa repleta de mágoas. A fotografia (belíssima) é de Mauro Pinheiro Jr.

O DIA QUE TE CONHECI, de André Novais Oliveira: Distante da estética de invenção que deu fama a seu diretor em “Quintal”, essa RomCom (comédia romântica) mineira devassa clichês do gênero ao incorporar fracassos (profissionais, existenciais) e comprimidos em sua dramaturgia com ecos de Hong Sangsoo. Num misto de humor, angústia e romantismo, André narra um pedacinho da vida atribulada de Zeca (Renato Novaes), um bibliotecário que luta para manter o trabalho e a paz, numa jornada que será coroada por um encontro com Luísa (Grace Passô). O filme ganhou o Prêmio do Júri do Festival do Rio de 2023.

ESTRANHO CAMINHO, de Guto Parente: Um dos responsáveis pelo marco do cinema de invenção dos anos 2000 “Estrada Para Ythaca”, o diretor cearense teve a carreira catapultada ao Olimpo da consagração mundial ao conquistar quatro prêmios no Festival de Tribeca, em Nova York, com esta história fantasmagórica sobre paternidade. Nela, uma conjugação afetiva começa a ser esboçada entre um cineasta, David (Lucas Limeira, numa composição doce), e o pai que há tempo não via, Geraldo (Carlos Francisco), cuja estranheza enobre mistérios.



Divulgação

Queer



Divulgação

A Substância



Divulgação

O Quarto ao Lado

O filme do ano:

QUEER, de Luca Guadagnino (Itália/EUA): É a mais ousada investigação do diretor de “Me Chame Pelo Seu Nome” (2017) sobre o desejo e seus impasses. Concorreu ao Leão de Ouro e está na disputa pelo Globo de Ouro de Melhor Ator, à força do devastador desempenho de Daniel Craig, o último 007. No roteiro escrito pelo dramaturgo Justin Kuritzkes, fotografado pelo tailandês Sayombhu Mukdeprom nos estúdios Cinecittà (Roma), o imigrante William Lee (Craig, impecável) passa as noites a se emburacar no álcool, em flertes com rapazes. Vive só, cercado por outros americanos expatriados, igualmente carentes. Ao conhecer o jovem Eugene Allerton (Drew Starkey), Lee acredita ser capaz de estabelecer uma ligação íntima. Acaba por levar o sujeito numa jornada ao Equador, regada a plantas alucinógenas, em sequências com o diretor argentino Lisandro Alonso (“Jauja”) no elenco, ao lado da diva britânica Lesley Manville.

Nosso ranking

TESTAMENTO (“Testament”), de Denys Arcand (Canadá): Quase 21 anos depois do cult “As Invasões Bárbaras”, o historiador e realizador canadense enfrenta patrulhas ideológicas da contemporaneidade numa ácida cartografia da cultura woke. Com a ironia que lhe é peculiar, ele narra os dilemas do arquivista Jean-Michel Bouchard (Remy Girard, em estonteante em cena) diante de uma campanha pública para a destruição de um quadro na instituição onde vive. A pintura traz uma representação do encontro entre indígenas e colonizadores, o que irritou ativistas. Outro alvo deles é a dramaturgia do alemão Bertolt Brecht.

A SUBSTÂNCIA (“The Substance”), de Coralie Fargeat (Reino Unido/França): Uma receita de US\$ 77 milhões + o prêmio de Melhor Roteiro de Cannes + cinco indicações ao Globo de Ouro consagraram esta produção de US\$ 17,5 milhões que fez Demi Moore voltar aos holofotes. Ela interpreta

RETROSPECTIVA / CINEMA ESTRANGEIRO

Desejos, estranhezas e autorias

Titãs como Clint Eastwood e Pedro Almodóvar reafirmaram sua relevância num ano cheio de experimentos de gênero, sobretudo o terror

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Nenhum estúdio ganhou tanto dinheiro com a venda de ingressos em 2024 quanto a Disney, que ocupou o primeiro, o segundo e o quarto lugar do pódio das maiores arrecadações do ano, encabeçando a lista com a receita de US\$ 1,6 bilhão de “Divertida Mente 2”. Depois vieram “Deadpool & Wolverine” (com US\$ 1,3 bilhão) e “Moana 2”, até agora com US\$ 792 milhões. Ou seja, Mickey Mouse peitou o fantasma do esvaziamento das salas de projeção num período de 12 meses em que grandes vozes autorais (Woody Allen, Hayao Miyazaki, Wim Wenders, Emily Atef, Tim Burton, Marco Bellocchio) mobilizaram o circuito brasileiro. Foi um siciliano já cinquentão (53) quem nos deu o título mais provocativo de janeiro até aqui. Confira a seguir o que mais se viu de imperdível de janeiro para cá:



Divulgação

Testamento

uma estrela decadente, Elisabeth, que passa por um experimento, consumindo uma fórmula que faz seu corpo rejuvenescer e dar lugar a uma nova persona, Sue (encarnada por Margaret Qualley), num prazo determinado. A ambição pelo estrelato vai desrespeitar esse tal prazo, gerando consequências monstruo-

sas (literalmente) num body horror que expõe o culto à celebridade e a vaidade excessiva. A condução da trama é eletrizante.

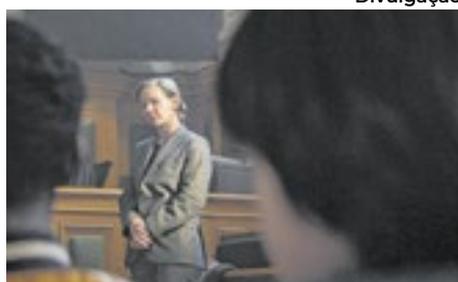
O QUARTO AO LADO (“The Room Next Door”), de Pedro Almodóvar (Espanha/EUA): Ao se arriscar nas veredas da



Divulgação

Longlegs

Divulgação

Não Espere Muito Do Fim Do Mundo

Divulgação

Anatomia de uma Queda

Divulgação

Beekeeper

Divulgação

Dahomey

mo andar de sua casa. Uma batalha judicial é encenada em torno de sua morte, revelando segredos da vida conjugal, fraturada por cobranças. Vendeu 1,9 milhão de ingressos em seu país, assegurando seu lucro.

BEEKEEPER: REDE DE VINGANÇA (“*Beekeeper*”), de **David Ayer** (EUA): Este filme de ação raiz, nas raias do gore, com Jason Statham muito bem dublado por Armando Tiraboschi, coroa a estética bruta do realizador de “Esquadrão Suicida” (2016) e “Corações de Ferro” (2014). Nos minutos

língua inglesa, o artesão manchego do melodrama arrebatou o Leão de Ouro de Veneza abrindo um debate sobre eutanásia, numa reflexão sobre dignidade no outono da vida. Julianne Moore (em estado de graça) o ajuda nessa enquete ao emprestar seu talento à figura de Ingrid, escritora que reencontra uma de suas melhores amigas, Martha (Tilda Swinton), em estado terminal de um câncer, almejando o próprio fim. Ficar perto dela em sua busca por uma morte digna é um gesto de amor. Ao falar da morte, Pedro expõe moralismos.

ANATOMIA DE UMA QUEDA (“*Anatomie d’Une Chute*”), de **Justine Triet** (França): Ganhador da Palma de Ouro de 2023 e do Oscar de Melhor Roteiro Original deste ano, esta mistura de drama e thriller de tribunal extrai uma vigorosa atuação da alemã Sandra Hüller e alimenta um debate sobre sexismo na cultura contemporânea. Uma escritora e tradutora é acusada da morte de seu marido, que quebrou a cabeça ao cair do últi-



Divulgação

Armadilha

Claire Folger/Warner Bros

Jurado nº 2

iniciais, uma idosa (Phylicia Rashad) é roubada num golpe digital aplicado por uma organização que limpa as contas bancárias de pessoas na terceira idade. Para azar desse bando, a vítima tem como seu melhor amigo um Apicultor. Tal título, usado pela figura virtuosa vivida por Statham, refere-se a um ramo secreto do Serviço de Inteligência dos EUA que nem a CIA pode acessar. Um ramo com licença para bater (muito)... e matar.

DAHOMEY, de **Mati Diop** (Senegal): Laureada em 2019 com o Grande Prêmio do Júri de Cannes de 2019 por “Atlantique” (hoje na Netflix), a atriz e diretora franco-senegalesa ganhou o Urso de Ouro da Berlinale com esta aula de geopolítica. Seu roteiro é estruturado como a cartografia do tráfego de uma série de relíquias beninenses, surrupiadas por colonizadores europeus, de volta ao lar. Uma dessas peças, a estátua chamada de Número 26, é quem narra a rapinagem histórica sofrida por populações da

África, como se fosse uma entidade.

LONGLEGS – VÍNCULO MORTAL (“*Longlegs*”), de **Osgood Perkins** (EUA): Fenômeno inusitado de bilheteria, este thriller macabro de US\$ 10 milhões arrecadou US\$ 127 milhões e repaginou a imagem (há muito sucateada) de Nicolas Cage numa dramaturgia com ecos de “O Silêncio dos Inocentes” (1991). Amparado na aeróbica de câmera do fotógrafo Andrés Arochi, com planos quadrangulares, superclose e muita grande angular, este suspense diseca, camada por camada, as angústias existenciais da agente do FBI Lee Harker (Maika Monroe, impecável) ao investigar uma série de mortes brutais alinhavadas sob símbolos de natureza satânica ligadas a um psicopata exótico (Cage, sublime).

JURADO Nº 2 (“*Juror #2*”), de **Clint Eastwood** (EUA): Em cartaz na MAX e na Amazon Prime, este thriller jurídico pode ser o derradeiro trabalho de direção do realizador duplamente oscarizado por “Os Imperdoáveis” (1992) e “Menina de Ouro” (2004), que hoje tem 93 anos. Sua habitual angústia acerca de responsabilidade e consciência pesada repousa aqui numa corte na qual um jornalista alcoolista (Nicholas Hoult) precisa analisar um caso de feminicídio. O dilema: bêbado, ele pode atropelado a vítima e, não, o atual réu.

NÃO ESPERE MUITO DO FIM DO MUNDO (“*Nu Astepta Prea Mult De La Sfârșitul Lumii*”), de **Radu Jude** (Romênia): É o novo longa do diretor de “Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental” (Urso de Ouro de 2021). Ganhou o Prêmio do Júri em Locarno e entrou no Top Ten da “Cahiers du Cinéma”. Sua atriz, Ilinca Manolache, tem um desempenho em estado de graça. Apesar disso tudo, esta joia não teve lugar em circuito, estreando diretamente na MUBI. Jude estuda o sucateamento das relações laborais, centrada no empenho de uma produtora (Ilinca, brilhante) em filmar pessoas que sofreram acidentes de trabalho. Sua abordagem debochada é hilária.

ARMADILHA (“*Trap*”), de **M. Night Shyamalan** (EUA): No roteiro mais doído (leia-se “livre”) de sua trajetória de (bons) scripts repletos de viradas, o diretor de “O Sexto Sentido” (1999) aplica todas as fórmulas de tensão que aprendeu vendo Hitchcock e potencializa cada uma, com sua aeróbica de enquadramentos inquieta, para narrar o cerco a um psicopata (Josh Hartnett) que, pra manter a fachada de cordeiro, leva a filha ao show de uma estrela pop. Claustrofobia pura.

Nubra Fasari/Divulgação



Veja um roteiro com sobremesas imperdíveis para a ceia de Réveillon

Por **Natasha Sobrino (@restaurants_to_love)**
Especial para o Correio da Manhã

A ceia de ano novo também é um momento muito aguardado nas festas de final de ano e os doces representam um papel fundamental para a celebração. Além de encantar pelo paladar, muitos deles são símbolos de prosperidade, fartura e renovação. Confira abaixo a seleção que o Correio da Manhã preparou para você e boas festas:

Alexander Landau/Divulgação



Fábrica de Bolos Vó Alzira

Diana Cabral/Divulgação



Sorvete Brasil

Lipe Borges/Divulgação



Da Thabata

Divulgação



Rio Sucrée

O Medovik

Divulgação



Torra & Cia

DA THÁBATA – A marca apresenta a Tarta Basca de Rabanada (R\$ 29 fatia/ R\$ 194 P/ R\$ 294 G) para as festas de fim de ano. A tarteira Tháбата Tubino, combina canela, vinho do Porto, açúcar cristal e um pão sem glúten de alta qualidade. As tartas inteiras estão disponíveis para encomendas enquanto durarem os estoques. Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea - 3º piso. Tel: (21) 97497-1991.

FÁBRICA DE BOLO VÓ ALZIRA - A rede está com novidades para as festas de fim de ano. A linha com sabores especiais de bolos traz como destaque o Bolo de Nozes, repaginado especialmente para a data, com recheio de Leite Moça (R\$ 48 - pequeno e R\$ 69 - grande) e o Bolo de Chocolate, com uma cobertura especial (R\$ 32 – pequeno e R\$ 46 - grande). A linha de bolos de fim de ano estará disponível em todas as lojas da rede e também para pedidos no site oficial (<https://voalzira.com/lojas/>) e pelo IFood.

TORTA & CIA – Ano Novo chegando e a confeitaria está com uma deliciosa novidade: o bolo basco – versão da tradicional torta espanhola (R\$ 215 | R\$ 23 fatia). Além dele, sabores diversos para deixar a ceia ainda mais especial, com destaque para a torta de figo com mascarpone, com massa frangipane (R\$ 215,00 | R\$ 23 fatia). Rua Gilberto Cardoso, 100 – lojas 15 e 16 Leblon – Cobal do Leblon. Tel: (21) 2511-5141.

O MEDOVIK – A casa de bolos russos criou um kit (R\$ 70) com quatro bolos em formato de quadradinhos nos sabores: tradicional, com mel; pêra com gorgonzola; passas ao rum com amêndoas e damasco e rabanada. Rua Visconde de Pirajá, 156, sobreloja 203 – Ipanema. Tel: (21) 99579-9904.

RIO SUCRÉE - O cardápio especial para celebrar as festas de fim de ano foi todo pensado pelo sócio e chef pâtissier Emanuel Pinheiro com requinte e sabor, com ingredientes característicos do período. Entre as principais apostas estão: o tradicional Bûche Noël (R\$ 250), clássica sobremesa em formato de tronco de árvore, as exclusivas Rabanadas de Brioche (R\$ 180/10 un) ao estilo pain perdu e o Bolo Red Velvet (R\$ 299). Av. das Américas, 3301, bloco 04, loja 120 – Barra da Tijuca. WhatsApp: (21) 99800-1414.

SORVETE BRASIL – A sorveteria fechou uma parceria com o chef Diego Barcellos e lança a sobremesa: Rocambolê de damasco com acompanhamento do sorvete da marca, especialmente para a temporada. O rocambolê é feito com massa biscoito de amêndoas, geleia de damasco e chantilly de chocolate branco. Detalhe importante é que o cliente pode escolher qual sabor de sorvete para acompanhar a sobremesa: chocolate trufado com amêndoas ou creme com crocante de macadâmia. A caixa do sorvete é de 1300ml e toda a sobremesa sai a R\$ 210. Rua Maria Quitéria, 74 – Ipanema. Tel: (21) 2247-8404.

Divulgação



Divulgação TV Globo



Divulgação TV Globo



Com Marco Nanini em 'O Mistério de Irma Vap' Ney deu vida ao hilariante Barbosa

Na pele do Conde Vlad, na novela 'Vamp'

Um dos artistas mais queridos dos brasileiros, o ator Ney Latorraca morreu na manhã desta quinta-feira (26) no Rio, aos 80 anos. A informação foi divulgada pela assessoria de imprensa da Clínica São Vicente, hospital onde o artista estava internado desde o dia 20. A causa da morte não foi divulgada mas, segundo portal G1, Ney sofria de um câncer de próstata e morreu em decorrência de uma sepse pulmonar. Sua versatilidade e capacidade de se adaptar a diferentes gêneros o tornaram um ator completo e admirado por colegas e público.

"A Clínica São Vicente lamenta profundamente a morte do paciente Antonio Ney Latorraca na manhã desta quinta-feira e se solidariza com a família e amigos por essa irreparável perda. O hospital também informa que não tem autorização da família para divulgar mais detalhes", diz a nota divulgada pelo hospital.

De acordo com depoimento do ator ao programa Memória Globo, da TV Globo, Ney Latorraca é filho de artistas. Seu pai era cantor e crooner de boates, e sua mãe era co-rista. "Aprendi desde pequeno que precisava representar para sobreviver, o que nunca me deixou um trauma, pelo contrário. Sempre fui uma criança diferente das outras, tive uma história instigante. Às vezes, eu tinha que dormir cedo porque não havia o que comer em casa. Então, até hoje, para mim, estou no lucro. Minha vida é sempre lucro", afirmou na ocasião.

Ney Latorraca nasceu em Santos, no litoral sul de São Paulo, em 25 de julho de 1944. Em sua cidade natal, aos 19 anos, Ney passou em seu primeiro teste e fez "Pluft, o Fantasminha", peça de Maria Clara Machado. Após isso, resolveu apostar na carreira de ator e se mudou para São Paulo.

Na capital paulista, passou em um teste com o diretor Plínio Marcos, no Teatro Arena, mas a peça "Reportagem de um Tempo Mau", do próprio Plínio, não chegou a entrar em cartaz pois o governo militar censurou a peça e mandou prender os atores. De volta à

Morre Ney Latorraca, aos 80 anos

Versátil e carismático, ator teve trajetória marcante na TV mas atuou em 'O Mistério de Irma Vap' cuja temporada nos teatros brasileiros durou 11 anos

Fabio Winter /Pressphoto



Ney Latorraca foi o ator homenageado do 46º Festival de Cinema de Gramado, em 2018

Santos, Ney trabalhou em banco, em loja de roupa feminina e foi vendedor de pedra semipreciosa. Se matriculou na Escola de Arte Dramática e fez algumas peças, até ir para a TV Tupi, onde fez figurações e pontas.

No Rio, fez parte da primeira montagem

do musical "Hair" no Brasil. O ator passou ainda pela TV Cultura e pela TV Record, onde trabalhou por cinco anos antes de estreiar na TV Rede Globo, onde ficou conhecido por papéis em novelas e programas humorísticos. Seu primeiro trabalho na

emissora foi em 1975, na novela "Escalada", transmitida ainda em preto e branco, em que contracenava com Susana Vieira.

Seu talento e carisma logo o destacaram, e ele se tornou um rosto familiar para o público. Ao longo dos anos, interpretou uma variedade de personagens, desde galãs até vilões complexos, sempre com maestria e dedicação. Um dos papéis mais marcantes de Ney na TV foi o do vampiro Vlad, na novela "Vamp" (1991). Sua interpretação irreverente e cômica transformou o personagem em um dos maiores sucessos da televisão brasileira.

No humorístico "TV Pirata", Ney brilhou como Barbosa, um dos integrantes do grupo que parodiava programas de televisão. Sua atuação, repleta de improvisos e timing cômico impecável, conquistou o público e o tornou um ícone da comédia brasileira.

Além desses personagens icônicos, Ney Latorraca também se destacou em outras novelas de sucesso, como "Estúpido Cupido", "Rabo de Saia", "Vale Tudo", "A Indomada" e "A Viagem".

Embora tenha uma trajetória mracante na TV, Ney participou da montagem de um dos espetáculos teatrais de maior sucesso no Brasil. Sua parceria com Marco Nanini em "O Mistério de Irma Vap" foi um marco no teatro brasileiro. A peça, que ficou em cartaz por 11 anos consecutivos, quebrou recordes e entrou para o Guinness Book, como a peça teatral com a maior temporada da história do Brasil.

Sua estreia no cinema aconteceu em 1969, no filme "Audácia - A fúria dos desejos". Ao longo de sua carreira, Ney participou de diversas produções, colaborando com diretores renomados como Paulo Cezar Saraceni, Bruno Barreto, Ruy Guerra e Ana Carolina em filmes como "O Beijo no Asfalto", "Ópera do Malandro", "Ele, o Boto" e "Irma Vap - O Retorno", na qual retornou ao universo da peça. Seu último trabalho na telona foi "Introdução à Música do Sangue" (2015). Em 2018, o ator recebeu homenagens no 46º Festival de Cinema de Gramado.

Ney era casado há 30 anos com o escritor Edi Botelho.



Sesc VERÃO



Saiba mais em
sescverao.com.br

17 jan a 16 fev

Programação gratuita
Classificação etária: livre

**Vem viver
mais
diversão**

Prepare-se para viver a estação mais vibrante do ano com **lazer, shows, esportes, cultura** e muita energia Sesc. A programação é para toda família e acontece em mais de **25 cidades do Estado**. Vem viver o melhor verão do ano.



Uma operária da arte

Conheça a premiada carreira de 30 anos dedicados ao teatro de Ana Flávia Garcia

Por Mayariane Castro

Ana Flávia Garcia, artista e pesquisadora das artes cênicas, tem se destacado na cena cultural do Brasil há mais de 30 anos. Com uma carreira marcada pela atuação em diferentes áreas das artes cênicas, ela se define como uma operária da arte com uma perspectiva decolonial. Aos 50 anos, Ana continua a se dedicar ao campo artístico e acadêmico, criando e promovendo um trabalho que busca intervir diretamente no tecido social.

Licenciada em Artes Cê-

nicas pela Universidade de Brasília (UNB), Ana Flávia iniciou sua trajetória artística em 1992. Desde então, ela tem contribuído para o cenário cultural local, com projetos que aliam arte, política e filosofia. Sua atuação se estende por diferentes áreas da produção cênica, incluindo direção, dramaturgia, atuação, cenografia, sonoplastia, figurino, produção e arte-educação.

A diversidade de sua prática artística reflete seu compromisso em pensar e criar arte a partir de uma perspectiva crítica e decolonial.

Ana Tirana: da fala no palco às letras

Em três volumes, livro reúne crônicas publicadas desde 2011

Por Mayariane Castro

Em 2024, Ana Flávia Garcia lançou seu primeiro livro, um box literário composto por três volumes. A publicação reúne crônicas que ela vem publicando em suas redes sociais desde 2011. A obra se destaca pela diagramação inovadora e pelas provocações e questionamentos presentes em seus textos. A autora utiliza a literatura para expandir seus horizontes artísticos e desafiar os leitores com reflexões sobre a realidade social, política e cultural.

Ao longo de sua carreira, Ana

Flávia participou de mais de 25 espetáculos, atuando em diversas funções nas equipes técnicas. Sua trajetória inclui viagens a todos os estados brasileiros e a conquista de seis prêmios, além de duas indicações. Seu trabalho artístico é caracterizado pela busca por novas linguagens e pela combinação de diferentes formas de expressão, que vão desde o humor e a ironia até a reflexão sobre temas sociais e políticos. A artista se considera uma pesquisadora incansável, sempre em busca de novos desafios e de um aprofundamento em suas reflexões estéticas e filosóficas.



Emanuel Lavor

Ana Flávia lançou o livro *Ana Tirana* neste ano de 2024

A artista destaca a importância de continuar a acompanhar os trânsitos estéticos e poéticos da cena local, sempre com uma postura crítica e atualizada. Ela defende que o teatro deve estar no “aqui e agora”, atendendo às necessidades e desejos do público, e que as produções precisam continuar sendo apaixonantes e instigantes, como sempre foram.



Emanuel Lavor

Ana Flávia defende mais apoio às artes cênicas do DF

Cabaré das Rachas

Entre os projetos mais relevantes de Ana Flávia, destaca-se o “Cabaré das Rachas”, uma série de performances feministas interseccionais que passou por 15 cidades brasileiras. Este projeto visa criar espaços de resistência e reflexão sobre o feminismo, o machismo e outras questões sociais por meio da arte. Outro

projeto importante é a “Concepção e direção artística-pedagógica de palhaçaria para hospitais”, que incluiu a criação de grupos como o Grupo Risadinha e Doutorinhas Música e Riso, com o objetivo de levar momentos de alegria e reflexão para ambientes hospitalares. Ana também participou de iniciativas voltadas para o circo social feminista, como

“As Desempregadas”, e se envolveu em projetos de arte-educação voltados para comunidades escolares, como o “Expedição Brinquedo de Ler”.

Ana Flávia Garcia tem se mostrado preocupada com os desafios enfrentados pelos artistas da cena local. Ela defende que é necessário aumentar o apoio financeiro para as vozes cênicas.

FIM DE ANO

Nosso Natal

*O evento "Nosso Natal", realizado na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, ao longo do mês de dezembro, traz uma programação especial para encantar os visitantes, até na noite de natal. A celebração acontece até o dia 30 de dezembro, com entrada gratuita. Entre os destaques deste ano, está a pista de patinação no gelo, uma atração que promete diversão para todas as idades. O público também pode aproveitar a roda-gigante, o carrossel, oficinas infantis e diversas outras atividades. Nesta semana, o evento oferece uma programação cultural diversificada, com opções para todos os gostos. Confira a programação entre os dias 24 e 29 de dezembro.

*Nosso Natal é atração em Brasília.

FESTA

Samba da Tia Zélia

*O Samba da Tia Zélia, um dos mais populares do DF, tem uma agenda intensa nos últimos dias de 2024. Além da saideira da tenda do Tia Zélia Restaurante, em função do recesso, a roda de samba queridinha da Vila Planalto comanda uma festa de ano novo (31) especial na Biroasca. Eles ainda participam do evento de Natal organizado pelo Samba Urgente, na Galeria dos Estados.

Fora do Eixo

*O Complexo Fora do Eixo, localizado no SAAN, está preparando uma das festas de réveillon mais badaladas da capital federal. Com um line-up diversificado e atrações para todos os gostos, o Virada Fora do Eixo promete ser uma celebração inesquecível para dar as boas-vindas a 2025. Entre as atrações confirmadas estão os shows de pagode dos grupos Nossa Galera e Largo Tudo, que prometem embalar o público com clássicos, canções autorais e sucessos que marcaram o gênero ao longo das décadas. Para os amantes da pista de dança, DJs comandam o som até o amanhecer, tocando o melhor do funk, hip hop, trap e os hits do momento.

TEATRO

Melhores do Mundo

*A Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo apresenta em Brasília neste



Nosso Natal é atração em Brasília

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Samba da Tia Zélia promove ano novo

fim de semana e no próximo o espetáculo "Dingou Béus", encerrando a turnê nacional que celebra os 29 anos de história do grupo. O espetáculo é apresentado no Teatro Royal Tulip, com sessões no sábado (28/12) às 17h30 e 20h e no domingo (29/12) às 17h e 19h. Os ingressos custam a partir de R\$ 50 e estão disponíveis no aplicativo ou site da Bilheteria Digital.

16ª Mostra Brasília

* A 16ª Mostra Brasília - celebração de 70 anos de carreira de Gisèle Santoro é uma comemoração com a presença de grandes profissionais da dança brasileira que se reúnem para homenagear Gisèle Santoro, maitre de ballet, coreógrafa, professora, coordenadora e Diretora Artística do Seminário Internacional

Divulgação



Melhores do Mundo encerra turnê nacional

Divulgação / Carlos Aguiar



CCBB Brasília apresenta 16ª Mostra Brasília

Divulgação



Dihh Lopes e Márcio Donato

de Dança de Brasília. As histórias de Santoro e sua dança se misturam com a história de Brasília, a começar pelo momento em que dançou no espetáculo comemorativo da inauguração da capital. De 27 a 29 de dezembro, o CCBB Brasília oferece ao público uma programação livre para toda família e com estilos de dança diversificados que incluem bate-papo com profissionais da dança, workshops e atrações de videodança e Cias de Danças de diversas modalidades: ballet, dança popular, afro, contemporâneo e danças urbanas. Haverá ainda rodas de conversas e oficinas gratuitas com profissionais que se destacam na capital federal. Este projeto é realizado com recursos da Lei de Incentivo à Cultura do Distrito Federal e acontece no CCBB Brasília. Todas as atividades são

Divulgação / Rafa Bqueer



Artista trans, Rafa Bqueer em duas exposições

Divulgação



Mostra de curtas-metragens

gratuitas, mediante retirada de ingresso no site www.bb.com.br/cultura e/ou na bilheteria do CCBB Brasília.

Comédia com Dihh Lopes

✦ Eles fazem parte do maior grupo de Stand Up Comedy do Brasil, mas seus shows solos não fazem o mesmo sucesso. O que fazer? Dihh Lopes e Márcio Donato decidiram unir forças em seu novo espetáculo intitulado "Série B". Acontece no dia 8 de fevereiro e os ingressos já estão disponíveis no site www.bb.com.br/cultura. Classificação: 16 anos.

PROJETO

Mostra de curtas-metragens

✦ O FEMUCINE – Festival Multicultural de Cinema, está com as inscrições abert-

tas para a mostra competitiva de curtas-metragens que serão exibidos em sua 3ª edição. O evento, com data marcada para março, acontecerá no Teatro de Sobradinho. Interessados de todo o Brasil poderão se inscrever gratuitamente até o dia 15 de janeiro através do site oficial: FEMUCINE.COM.BR.

EXPOSIÇÃO

Escopos distintos

✦ Artista trans, Rafa Bqueer marca presença em duas exposições - de escopos distintos - no CCBB Brasília. Natural de Belém (1992, PA), Bqueer foi selecionada por dois coletivos curatoriais diferentes e responsáveis pelas principais exposições em cartaz no respeitado Centro Cultural Banco do Brasil Brasília: Indomináveis Presenças, da produtora baiana AfrontArt, e Nise da Silveira.

✦ Indomináveis Presenças, ocupa o Pavilhão de Vidro do CCBB Brasília até 12 de janeiro de 2025, expõe uma coletividade de 16 artistas, em diferentes estágios de suas carreiras, reunida em mostra com 114 obras. A exposição convida os visitantes a percorrer um caminho através de narrativas estéticas e imaginários materializados em gravuras, fotografias, pinturas, performances, esculturas e obras geradas com recursos de inteligência artificial.

✦ Nise da Silveira - A Revolução Pelo Afeto, em cartaz até 23 de fevereiro de 2025 na Galeria 1 do CCBB Brasília, convida a ressignificar o conceito de loucura através de um mergulho na intersecção entre saúde mental e artes. A mostra apresenta uma experiência imersiva com cerca de 200 trabalhos, de 38 artistas, em guache, óleo, grafite, fotografia, videoinstalações e outras técnicas, além de um extenso acervo histórico.

Exposição Labirinto

✦ Até 09 de fevereiro, a Caixa Cultural Brasília recebe a exposição Labirinto, do artista André Severo. Com curadoria de Marília Panitz, Labirinto é uma grande instalação baseada na desconstrução de uma série de imagens coletadas por André Severo há cerca de duas décadas e reelaboradas entre os anos pandêmicos de 2020 e 2021. A abertura aconteceu no dia 14/12 e a instalação fica em cartaz até fevereiro de 2025, com visitação aberta de terça a domingo. A entrada é franca, com classificação livre para todos os públicos.

Dança no último ato

Espectáculos que marcam reabertura do Teatro Nacional se encerraram com bailarinos

Jadson Douglas/Divulgação

Por Mayariane Castro

Após dez anos fechado, o Teatro Nacional Claudio Santoro, em Brasília, foi reinaugurado no dia 18 de dezembro. Desde então, a Sala Martins Pena, a única liberada por enquanto para utilização, foi brindada com uma programação especial. Shows gratuitos dos artistas Almir Sater, Plebe Rude, e do grupo de comédia Melhores do Mundo fizeram parte da agenda, que se encerrou na quinta-feira (26). No encerramento, o Teatro Nacional foi palco e espaço de apreciação para quatro companhias de dança locais do Distrito Federal.

Variados estilos marcaram as apresentações. Dança contemporânea, urbana e brincante, até o balé clássico. As companhias que participaram foram Transições

Companhia de Dança e Artes, Síntese Cia de Dança, Equipe Shamsa Nureen e convidados.

A Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SECEC-DF) diz que a reabertura do principal equipamento cultural do DF é um marco e uma celebração necessária. “É devolver para a população do DF o maior equipamento cultural do país, não só em tamanho, em proporção, mas em grandiosidade e representatividade”, diz a secretaria, em nota. “Estamos muito felizes, emocionados e gratos ao GDF pela parceria e pela possibilidade de fazer parte deste momento histórico”.

A Transições Companhia de Dança e Artes foi uma das responsáveis por levar a cultura popular brasileira para o chão da Sala Martins Pena.



A dança marcou o último dia de espetáculos no Teatro Nacional

Do popular e urbano ao balé clássico

Espectáculos dos grupos de Brasília mostraram diversos estilos

Por Mayariane Castro

O diretor e idealizador da Transições, Leandro Lira, conta que foi uma oportunidade inexplicável poder retornar aos palcos do Teatro Nacional logo em sua reestreia. Após um ano extenso de trabalho, ter este reconhecimento enquanto coletivo artístico local de forma orgânica e genuína foi uma honra, como os próprios bailarinos do grupo descrevem.

“A iniciativa de fundar a Transições de Dança e Artes em 2013/2014 reflete no empenho em contribuir com o cenário cultural do DF, uma vez que a companhia atua como uma base de multiplicação cultural, promovendo a formação de centenas de artistas e desenvolvendo eventos que difundem arte a um público extenso por meio da cultura popular nordestina e as cartografias da dança contemporânea”, acrescenta Leandro.



Jadson Douglas/Divulgação

O convite para estar na reestreia do teatro emocionou

“Corpo em Serenata” é um espetáculo de dança contemporânea inspirado na tradição das antigas serenatas de amor. Esta é a definição da obra emblemática da Síntese Companhia de Dança, que foi apresentado no Teatro Nacional. Embalado por grandes canções que marcaram época, nas vozes de artistas como Vinicius de Moraes, Roberto Carlos, Nelson Gonçalves, Elizabeth Cardo-

so, Pixinguinha, Altemar Dutra, Nora Ney, Cartola, Elis Regina, Peninha entre outros.

O espetáculo faz a releitura dessas músicas com cenas instigantes e muitas vezes provocativas, através dos corpos dos bailarinos e das movimentações criadas para cada uma delas, transformando essas lindas canções em imagens vivas através do corpo em movimento

Arte global

A Equipe Shamsa Nureen é referência nas danças árabes e derivadas. O repertório abrange desde peças clássicas, com composições orientais, até ritmos vibrantes e canções contemporâneas. As coreografias incluem danças com véus, candelabros, snujs (címbalos de metal usados durante a dança) e espadas, além de experiências com a roda de dabke, uma tradicional dança popular do Oriente Médio.

O grupo tem como objetivo promover uma imersão na cultura árabe e está em atuação há mais de 15 anos. Os bailarinos se apresentaram com o espetáculo “Magia do Oriente” que traz consigo estes elementos em uma apresentação que em trinta minutos, faz com que o público conheça e desfrute de uma cultura diferente através do movimento e da dança.

Correio da Manhã

Brasília, Sexta-feira, 27 a domingo, 29 de Dezembro de 2024 - Ano CXXIII - Nº 24.674

2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Mais um ano se passou...

Acompanhe nesta edição o que de melhor se produziu em música, artes cênicas e cinema neste 2024, ano em que a cultura brasileira brilhou intensamente